

# O QUE AS CRIANÇAS GAVIÃO IKOLEN SABEM SOBRE A ESCRITA? A SONDAÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTO INDÍGENA<sup>1</sup>

Marcelo Barpeh Pohj Zoró<sup>2</sup>  
[marcelogaviao648@gmail.com](mailto:marcelogaviao648@gmail.com)  
Josélia Gomes Neves<sup>3</sup>  
[joseliagomesneves@gmail.com](mailto:joseliagomesneves@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho faz parte de um conjunto de estudos que têm buscado compreender como as crianças indígenas aprendem a ler e escrever e que temos denominado de Alfabetização Intercultural. Diante disso, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) produzido entre 2021-2023 em Ji-Paraná-RO, pela Universidade Federal de Rondônia teve como principal objetivo verificar o que as crianças Gavião Ikolen sabem sobre a escrita através do desenvolvimento da atividade de sondagem. Este recurso é importante porque pode contribuir para o entendimento a respeito dos saberes infantis sobre a escrita. A investigação de enfoque qualitativo utilizou a pesquisa (auto)biográfica - entrevistas com crianças e coleta de relatos de adultos, assim como a pesquisa documental como fonte de dados. Os resultados demonstraram que as crianças indígenas são sujeitos que possuem conhecimentos sobre a língua escrita - portuguesa e indígena, mesmo com pouca experiência escolar conforme apontam os estudos construtivistas em alfabetização. Concluímos que a psicogênese da leitura e da escrita no âmbito em que foi desenvolvida a pesquisa, explica os conhecimentos iniciais infantis sobre o ler e o escrever em contextos indígenas, inclusive na língua materna. Diante disso, é papel da docência, identificar as hipóteses de escrita e propor atividades de intervenção pedagógica para que os (as) aprendizes possam avançar cada vez mais sobre o entendimento e apropriação da língua escrita. Um conhecimento fundamental, necessário para as atuais lutas das populações originárias.

**Palavras-chave:** Povo Ikólóéhj Gavião. Alfabetização Intercultural. Construtivismo. Sondagem em contextos indígenas.

---

<sup>1</sup>Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Ji-Paraná, Departamento de Educação Intercultural (DEINTER), Licenciatura em Educação Básica Intercultural, como requisito para o término do referido curso. Foi aprovado por banca examinadora em 8 de dezembro de 2023.

Agradecimentos: Em primeiro lugar eu quero agradecer a Deus, pois foi ele que me fez vitorioso. Não foi fácil, mas valeu a pena. Agradeço a minha querida mãe guerreira, Cleuza Eja Gavião, que cuidou de mim desde meu tempo de criança e também me apoiou em meus estudos. Quero também agradecer a minha orientadora, Professora Dra. Josélia Gomes Neves, pelas ajudas e discussões durante o curso e na elaboração deste estudo. Agradeço de coração Jô! Sou grato a minha esposa, a querida Micheli e a meus filhos, Sariel e Sadraque pelo carinho nesta caminhada. Gratidão aos participantes da pesquisa: Chambete Babekuv Puhv Gavião, Alberto Padag Gavião e Cleuza Eja Gavião e às crianças, Chanaia, Mizael, Dílson e Elida. Quero agradecer também ao missionário Valmir Ferreira da Silva. Meu obrigado a UNIR e aos docentes do DEINTER: Genivaldo, Vanubia, Maria Lúcia, Ana Frida, Carma, Quesler; Kécio, Gicele, Roseline, Luciana, Cristovão e Carlos. Agradecimento à banca examinadora: Mary Gonçalves Fonseca, Vanubia Sampaio dos Santos e Zacarias Kapiaar Gavião, membro de honra. Agradeço ao meu povo guerreiro, em especial ao Cacique Catarino Sebirop da Silva Gavião, em memória. Foi um líder valente e lutou para termos a oportunidade de estudar na Universidade Federal de Rondônia.

<sup>2</sup> Estudante do Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural, UNIR – Campus de Ji-Paraná.

<sup>3</sup> Professora Orientadora, docente do Departamento em Educação Intercultural (DEINTER), UNIR/Campus Ji-Paraná.

## Introdução

Há quase 20 anos, um grupo de pesquisadores e pesquisadoras da Universidade Federal de Rondônia vem investigando o processo de Alfabetização Intercultural em contextos indígenas e este trabalho intitulado: “O que as crianças Gavião Ikolen sabem sobre a escrita? A sondagem de alfabetização em contexto indígena”, agora se junta a este conjunto de estudos. (Neves, 2005; 2009; Surui, 2015; Nunes, 2018; Santos, 2020; Gavião, 2021; Surui, 2023a; Surui, 2023b)<sup>4</sup>.

O objetivo da pesquisa foi analisar os saberes infantis indígenas de crianças Gavião Ikolen/Ikólóéhj a respeito da língua escrita obtidos por meio da realização da sondagem. Uma atividade importante na alfabetização porque ajuda a entender o que as crianças já sabem e a partir disso indica como é possível propor tarefas para avançarem em suas aprendizagens.

A ideia de estudar mais sobre este assunto surgiu durante curso, nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e em Língua e Literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Eu percebi a importância de registrar os saberes das crianças e por isso decidi que este seria tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tenho observado que uma parte das crianças indígenas aprendem primeiro o alfabeto Gavião, outras o alfabeto em português, mas precisava entender mais sobre a aquisição da leitura e escrita no início da escolarização.

Neste processo, gostei muito de estudar as hipóteses de escrita, explicadas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), que também chamam de níveis de aprendizagem: a pré-silábica, silábica (com valor sonoro e sem valor sonoro), silábico-alfabética e a alfabética. São etapas importantes na caminhada para aprender a ler e escrever, principalmente na língua indígena tendo em vista a sua valorização conforme propôs a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) ao instituir a Década das Línguas Indígenas de 2022 a 2032.

A pesquisa foi qualitativa, porque nesta metodologia, dentre outras coisas: “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 48).

---

<sup>4</sup> Este trabalho considerou as orientações da ABNT quanto a NBR nº 10.520/2023 referente às citações em documentos.

As leituras que ajudaram nesta pesquisa foi o estudo sobre a psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1999), o Referencial Curricular para as Escolas indígenas (Brasil, 1998), a discussão sobre o conceito de Alfabetização Intercultural (Neves, 2023), o estudo sobre Educação tradicional /ancestral Gavião (Gavião, 2018), contribuições do pensamento freireano (FREIRE, 1986) e a importância da sondagem na alfabetização (Mansani, 2016), além de outras.

A metodologia usada neste estudo, considerando as finalidades da pesquisa, levou em conta a pesquisa (auto)biográfica porque ela considera as lembranças das pessoas como importantes fontes de conhecimento, diante disso, “[...] o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo”. (Abrahão, 2003, p. 80). Assim, para compreender melhor a história do povo Gavião foi preciso contar com a colaboração dos sabedores Chambete Babekuv Puhv Gavião, Alberto Padag Gavião e da sabedora Cleuza Eja Gavião, que por meio da oralidade trouxeram informações importantes sobre o tema.

Trabalhamos também com a pesquisa documental, que usa materiais que não foram analisados, como reportagens de jornal sobre os problemas que os Gavião tiveram na colonização nos anos oitenta, pois, “Além das narrativas orais, é possível também investigar se existem textos, gravuras, fotografias, filmes [...] que registram diferentes momentos da História de seu povo”. (Brasil, 1998, p. 210). Nesta parte, fizemos uso também dos documentos escolares, neste caso, os resultados da sondagem de alfabetização que foram produzidos para o presente estudo.

Outro recurso usado para o trabalho foi a entrevista com crianças que estão no processo de alfabetização através da sondagem. Esta atividade consiste em solicitar que participem de uma atividade, tipo ditado, através de respostas escritas a respeito da escrita e leitura de determinadas palavras por meio de produções espontâneas.

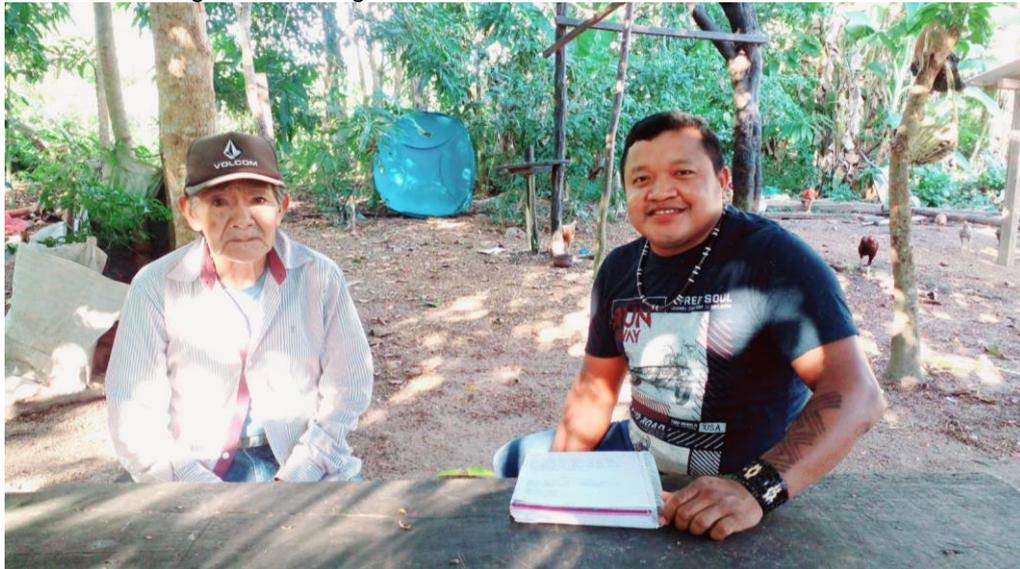
Esperamos que este estudo possa ajudar as futuras gerações de professores e professoras a conhecerem melhor o que as crianças sabem sobre a escrita. Para isso é preciso estudar para identificar qual é a hipótese de escrita que está no texto dela.

Este TCC está organizado em 5 partes: a primeira trata da “Contextualização: um pouco da História do Povo Gavião Ikólóéhj”; a segunda, discute as “Memórias de Infância e Alfabetização na visão de Cleuza Eja Gavião”; a terceira, apresenta “Minhas memórias de alfabetização e escolarização – aprendizagens interculturais”; a quarta

traz um breve resumo teórico - “Sobre as línguas e a Alfabetização Intercultural” e a última, mostra os resultados da pesquisa: “Reflexões sobre a sondagem na alfabetização na aldeia indígena”.

### 1.Contextualização: um pouco da História do Povo Gavião Ikólóéhj

Figura 1 - Diálogos com Chambete Babekuv Puhv Gavião



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta parte do texto, apresentarei um pouco da história do Povo Gavião, na visão de um dos sabedores do povo, o Chambete Babekuv Puhv Gavião. Ele explicou através da oralidade, um pouco sobre o território tradicional do povo e as razões da vinda para Rondônia. Disse que havia conflitos com povos que na atualidade temos relação de muita proximidade. O que Chambete nos disse segue através de registros tanto na língua Gavião como na língua portuguesa:

Tópárehj kùhj máh atá baala tere Balibé xiá pàhnéh ve koj mán káá kípoá. È koj tósérag kùhj kí tómá bojá'éhj kùhj kí, mehn máhj tópárehj kùhj kíá máhj máh atá baala tere è ká kíh gáhr kípoá. È tígi máteréhj kamahv éhj máh tópárehj kùhj abiri kíh Ikabea pàhnéh ve kaj mán káá kípoá. È ká tásáhr atá bó tákala óhv tódjánéh máhj máhá. È bó támáh tábirimaja è tígiá kípoá. Padjá'í óhv panój ánéh tákaj mán kala óhv pamáh-èna è tígiá. Ève ká bó támáh adjave adjala mán koj ma ve kòro mágaá. È pí Ikabea tádjánéh ve kaj mán ve adjalav pí bó támáh, I Táváhv Xia áneh I kaj mán xi tára adja ve kòro mágaá. Ève máh goxuréhj kála ná è tígiá kípoá. È ká tásáhr bó támáh táxirimaja è tígiá kípoá. Èna pamáh-èna pavolo Igarapé ve mágaá kípoá. Èna éve pánáe mágaá. (Chambete Babekuv Puhv Gavião, 2023).

Meu nome é Chambete Gavião. Moro na Terra Indígena Igarapé Lourdes, na aldeia Ikolen. Vou contar um pouco sobre onde que o nosso povo Gavião vivia primeiro. Então nossos antepassados habitaram primeiro a região dos afluentes do rio Branco na margem esquerda de Aripuanã, em Mato Grosso. Ali viveram nossos avós, nossos bisavós e os bem mais antigos também moravam lá. Nesse tempo fomos atacados pelo nossos parentes, onde está a antiga aldeia *i kabea*. Enquanto nosso povo morava lá tinham inimigos. Aí os parentes começaram a atacar o nosso povo. Quando eles não conheciam outra etnia, não gostavam. Então outras etnias atacaram a gente. Por isso nossos parentes fugiram, mudaram e abriram outras aldeias. Depois deixaram aldeia chamavam *i kabea* nosso povo abriu outra aldeia chamada de *itavahv xi* perto da divisa do povo Suruí. Quando nosso povo morava nessa aldeia, os parentes Surui atacaram de novo nosso povo. Ai nosso povo fugiu e abriu outras aldeias de novo. (Chambete Babekuv Puhv Gavião, 2023).

A memória do sabedor detalha nomes conhecidos, de lugares que a geração mais nova não conhece, além de lembrar o que outros estudiosos já informaram, que a história do povo tem relação com os grandes projetos nacionais: “O pouco que é conhecido da história dos índios Gavião são fatos típicos dos povos que sofreram em suas terras os efeitos da retomada de exploração da borracha na Segunda Guerra [...]”. (Leonel Jr., 2008, p. 19). Os diversos endereços tradicionais do Gavião foram engolidos pelos seringais e depois por fazendeiros:

Eles abriram aldeia chamada, *Zav Vetah*. Aí Nosso Povo morou muito tempo. Aí que eu nasci, cresci, e fiquei até ser jovem. Eu me lembro de quando ficava lá nessa aldeia.

Primeira aldeia ***chamava Zav Vetah***

Segunda aldeia ***Pasav Ku Kuhv***

Terceira aldeia chamado ***Takor Pohv Aka Váh***.

Quarta Aldeia chamado ***Zav Pobia***

Quinta aldeia era Aldeia do meu pai, chamavam ***Tikiripahj va***.

Essas aldeias eram antigas, quando a gente morava na Serra da Providência. Depois de certo tempo aconteceu de novo ataque a nossos parentes. Desistimos. Abrimos outra aldeia, chamada ***Dig gahj váh***. A gente não morava muito tempo nessa aldeia. Essas aldeias que eu falei anteriormente a gente não deixava de uma vez, outras famílias vinham depois, outras, moravam lá. Depois os nossos parentes abriram uma aldeia chamada ***Padora xi váh***. E também abriram a aldeia ***Igarapé Lourdes***.

Era aldeia igarapé Lourdes muitos pequena porque quando nossos parentes deixavam aldeia todos acabavam indo pra lá por causa de ataque. E com isso a aldeia Igarapé Lourdes ficava cada vez mais cheia de gente. Assim a gente se ajuntava e morava na aldeia Igarapé Lourdes. Até agora nosso parente mora em Igarapé Lourdes.

Tenho observado que o relato é uma forma de conhecimento importante porque contribui para a gente aprender mais sobre o povo Gavião. Além disso, é uma forma

de valorizar o saber dos mais velhos colocando suas reflexões nos textos acadêmicos, pois: “Trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos [...] mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador” (Abrahão, 2003, p. 85). E foi essa a intenção, ampliar suas vozes como historiadores e historiadoras neste texto.

Além de buscar saber informações mais aprofundadas sobre o território tradicional do Gavião, fui incentivado pela orientadora, a Professora Josélia Neves, a pesquisar sobre a colonização e os prejuízos que os Gavião tiveram com essa ação do governo. Foi um período que trouxe muita preocupação para todos, foi o tempo da invasão do nosso território.

Desde pequeno ouvi dizer que os colonos queriam morar em nossa Terra de qualquer jeito. E mesmo quando era criança já ficava pensando sobre isso porque percebia a preocupação dos adultos. Então para estudar melhor e registrar este fato no meu TCC, convidei meu tio, Alberto Padag Gavião, que participou juntamente com outros guerreiros na defesa da TI Igarapé Lourdes, para relatar este acontecimento. É importante ouvir de quem viveu a experiência, para saber como ela aconteceu, por isso consideramos os nossos mais velhos como os livros de biblioteca indígena, é um jeito de aprender mais sobre o assunto.

Após explicar o objetivo da atividade, que foi apresentar um pouco da história dos Gavião neste estudo, o sabedor concordou e enviou pelo aplicativo WhatsApp por meio de 8 (oito) áudios em língua indígena, no dia 12 de abril de 2023, um relato de sua visão a respeito do que aconteceu em meados da década de oitenta. Não foi possível fazer a entrevista presencial por motivo de problemas de saúde do nosso colaborador. Mas, o que foi perguntado ele respondeu de forma bem explicada em língua Gavião, que depois traduzimos para o português:

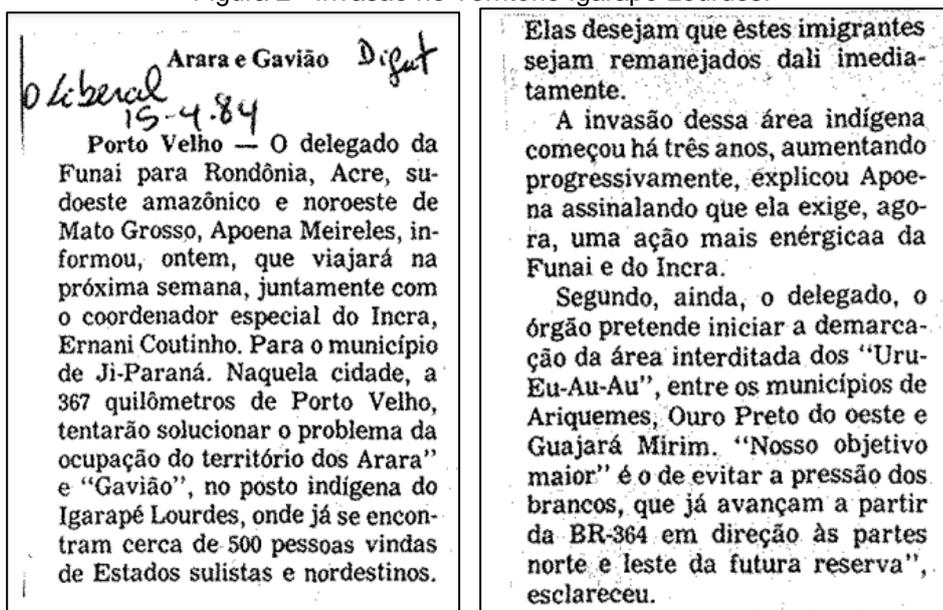
Essa situação da colonização que envolveu nosso povo aconteceu no processo de demarcação do Território. Essa é a história, nós viemos lá do Rio Branco, depois que nos separamos dos indígenas Zoró, encontramos o pessoal dos Arara. E depois disso fizemos o contato com os Brancos, os seringalistas. Mas os Arara fizeram o contato com os Brancos primeiro. Esse é o final da história. Quando a gente morava na aldeia Igarapé Lourdes, começaram a demarcar a nosso área. O meu irmão, falecido Cacique Sebirop Catarino Gavião comandava nesse tempo o nosso povo, do lugar que chamava aldeia antiga, Aldeia *Górahj xivah* e Aldeia *pasav kókúhva* ali comecei trabalho com eles. Depois trabalhei com NUPLAN numa fundiária, depois que o pessoal da Funai já havia delimitado a reserva, a Terra Indígena. Acho que trabalhei uns dois meses na NUPLAN. E depois

trabalhei onde que está nossa divisa pela linha 86, tinha um carreador para a Fazenda Castanhal. Enquanto eu trabalhei com o pessoal do NUPLAN eu vi muito branco invadindo a nossa Terra, daí voltei para o Igarapé Lourdes e contei para o meu irmão, ele nem acreditou. Falou que não via invasores, mas é que já tinham entrado em nossa área.

(Alberto Padag Gavião, 2023).

De acordo com o relato do sabedor, as semanas foram passando, o Cacique Catarino sobrevoou a área mas não viu nada. Depois que passou sete anos, o homem branco entrou cada vez mais em nosso território. Já tinha aproximadamente 700 pessoas com acampamento, plantação, criação de porcos e o galinhas. Então só depois deste tempo foi que o seu irmão acreditou nele. A Terra estava sendo invadida nas proximidades de Nova Colina, atual distrito do município de Ji-Paraná, estado de Rondônia, conforme registros de jornais dessa época, este conflito chamou a atenção das autoridades da época para a invasão na área indígena:

Figura 2 - Invasão no Território Igarapé Lourdes.



Fonte: Acervo ISA – Jornal O Liberal (Belém-PA) - 15 de abril de 1984.

Daí em diante, Catarino deu a notícia que se espalhou para os Arara que os Brancos estavam se aproximando de nossas aldeias. Neste tempo, procurou o Apoena, chefe da FUNAI e os guerreiros começaram a se preparar para a expulsão dos invasores. Durante muitos meses os indígenas esperaram a autorização do Apoena. Como estava demorando, os Arara decidiram prender os padres do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e outros invasores. Em relação a prisão do pessoal do CIMI possivelmente foi uma estratégia para dar maior visibilidade ao movimento.

Conforme o relato do sabedor, essa situação fez a Funai acordar para expulsar os Brancos de vez. Disse que o seu irmão, que faleceu, Catarino Gavião, começou a se comunicar com as autoridades: exército, policiais federais e outras instituições. Contou que a direção da Funai veio para Ji-Paraná para ajudar a tirar os invasores. Informou que em uma certa manhã, levou um grupo de não indígenas para o Igarapé Lourdes. Do posto dos Arara para a aldeia Igarapé Lourdes não era perto não, mas mesmo assim os reféns foram para lá e tiveram que trabalhar - fazer roça, pescar e outras coisas. Depois dessa pressão, as autoridades finalmente retiraram os invasores, mas foi um tempo muito difícil.

Penso que essa é uma das grandes preocupações dos povos indígenas do Brasil de todos os tempos. A colonização foi um problema grande para o povo Gavião. A fala do meu tio Alberto Gavião é importante para nos ensinar a história indígena, para mostrar como a ação dos parentes foi fundamental para que hoje a gente pudesse sobreviver e desfrutar da Terra Indígena Igarapé Lourdes. E assim, conforme os estudos apontam, “[...] apesar de todo o histórico de violência e de espoliação, os índios remanescentes continuam resistindo e lutando em prol dos seus direitos específicos da manutenção de suas culturas” (Santos, 2014, p. 216).

A nova geração precisa ouvir dos mais velhos em casa, na comunidade e também estudar na escola o que foi a colonização em Rondônia. Com isso vai entender como foi essa luta naquela época e para saber que é preciso continuar defendendo o nosso território, para não acontecer isso de novo. Dependemos da Terra Indígena para proteger a população, para viver a nossa cultura, nosso modo de vida. É onde buscamos o alimento – a caça, a pesca, a pequena agricultura, por isso essa aprendizagem da defesa do território é fundamental.

Isso faz lembrar as lutas sobre o Marco Temporal, uma discussão que preocupa muito os povos indígenas. Por causa disso, nesta etapa presencial do curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural em maio de 2023, nós estudantes e lideranças indígenas nos manifestamos a esse respeito. O Estado brasileiro quer decretar o fim da regularização dos territórios indígenas com essa história de que a demarcação de determinada Terra só pode ser feita se for comprovado que a ocupação aconteceu até o dia 5 de outubro de 1988, no dia da aprovação da Constituição Federal, mas como já temos denunciado, esta proposta é injusta e viola nossos direitos originários.

## 2. Memórias de Infância e Alfabetização na visão de Cleuza Eja Gavião

Todo filho que nasce, cai num chão cultural, onde o húmus étnico se tem acumulado durante séculos. De uma maneira mais imediata, ele, no ato mesmo da concepção, é gerado biologicamente, mas conforme as ideias que aquela cultura tem sobre como uma criança é concebida. (Melià, 1979, p. 8).

O tema da infância é importante para minha formação de pedagogo indígena, pois: “É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. (Kuhlmann, 2010, p. 30). Por isso escolhi minha mãe, Cleuza Eja Gavião para contribuir com o tema a partir de sua experiência em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em uma tarde do mês de abril de 2023 ela narrou na língua Gavião como era ser criança na aldeia nos anos oitenta.

Figura 3 - Diálogos com Cleuza Eja Gavião



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma curiosidade que tive foi de querer saber do que as crianças brincavam naquele tempo. Minha mãe disse que juntamente com outras meninas gostava muito de brincar no rio, um local de muitas brincadeiras. Além disso, os brinquedos das crianças eram produzidos na própria comunidade como as bonecas e panelinhas de barro, que mostra que: “[...] o jogo um dos elementos mais importantes da educação indígena. Sabe-se que a criança aprende brincando”. (Melià, 1979, p. 19). O seu relato

revela importantes informações para os estudos das infâncias indígenas. Assim em nossa conversa, realizada em língua Gavião e depois traduzida para o português, nos contou a presente narrativa:

Djálaaéhj kóe mi pamága Cleuza ógajá. Enekoj pamága ikólóéhj koe mi Eja ógajá. Enékoj mäh o'ala mà gäj kóli pi dia 04 de julho de 1987 mi aldeia Igarapé Lourdes káá. Enékoj mäh baalav tere ná mà papá va'íraá. Zòa'éhj mäh 4 éhjá. È pí zàno'éhj mäh 6'éhjá. Aldeia Igarapé Lourdes mága papá kíh papá sáno kaj padjanéh Fernando máhj mäh è tígi ènatèá. È ká zàhr buv ná bó màh odja'òe kala gólóá bàxunéhj táá. Tóhdja'òe kaj pamáh è tigi káv kává kíh vóhv vóhv tápóá kíhá bálía\_ ève koj è tígiá. Ènatè tómáh bosav taga mi todja'ohv éhj axo mákiri kíh ènatèá. Bosav áxo mákiri kíh è pí bonecaéehj áxo mákiri kíh è tígiá. (Cleusa Eja Gavião, 2023).

Eu vou contar um pouco sobre a minha infância. Meu nome em português é Cleuza na língua indígena é Eja Gavião. Nasci no dia 04 de julho de 1987 na aldeia Igarapé Lourdes. Sou primeira filha do meu pai, tenho 6 irmãs 4 irmãos. Essa aldeia Igarapé Lourdes, foi meu pai e meu tio falecido, nome dele Fernando Gavião que abriram primeiro. E outros parentes do pai morava com a gente também. Passei minha infância lá, gostava de brincar com amigas de uma brincadeira chamada na língua indígena, *kav kav* (nadar) *vohv vohv tapoh* (balançando cipó e caindo na água), *pabalia ive koj* (esconde-esconde na água). Também a gente brincava fazendo boneca de barro e panela para brincar e fazer comida. Essas eram as brincadeiras da minha infância. (Cleusa Eja Gavião, 2023).

Ouvir minha mãe falar um pouco como foi o seu tempo de criança foi importante para conhecer mais a história da infância Gavião, principalmente para entender melhor os brinquedos e as brincadeiras da época. A partir de sua fala, lembrei como eram as brincadeiras de quando fui criança, como *kav kav* (nadar) *vohv vohv tapoh* (balançando cipó e caindo na água), *pabalia ive koj* (esconde-esconde na água), brincadeiras iguais aquelas que minha mãe falou, era algo muito legal. Lembrei também da brincadeira do melhor fôlego no rio, que era para ver quem aguentava ficar mais tempo debaixo d'água.

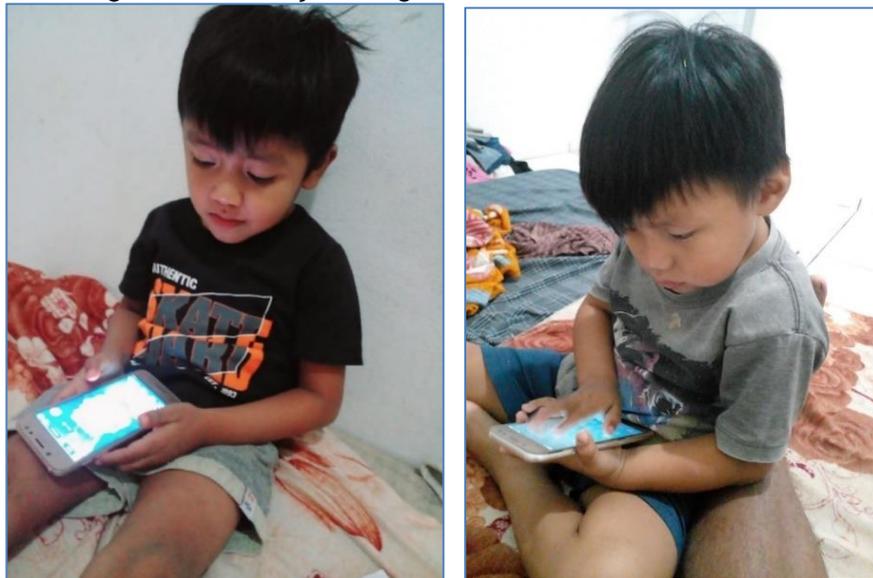
Quanto aos brinquedos tradicionais, lembro da flechinha de palha confeccionada a partir do broto do babaçu que estava sempre nas mãos dos meninos. Uma forma de praticar atividades futuras. Gostava também do carrinho de madeira, que na língua materna é, *gojmiman axo*, o carrinho feito de pau de jangada. A gente fazia também aviãozinho e barquinho...

Outra coisa interessante que lembrei foi que nós as crianças Gavião, observávamos a movimentação da madeira no território, daí meu irmão inventou de fazer caminhão parecido com aquele que carregava madeira, pois nesse tempo,

nosso parente tirava a madeira. Então, como as crianças Paiter, nós, “Passávamos o dia todo brincando [...] imitando as atividades dos madeireiros na nossa área. Em nossa vida de criança ainda não compreendíamos o significado de uma sociedade que transforma tudo em mercadoria, tudo tem preço”. (Suruí, 2018, p. 23). Foi assim a gente passou a brincar com brinquedos produzidos na aldeia, mas que foram pensados a partir da cultura não indígena e que tinham relação com um problema social muito sério.

Tenho dois filhos, Sariel Pajave Koro Oro Waram Zoró de 4 anos e o Sadraque Nimon Oro Waran de 2 anos e 7 meses. Observo que seus brinquedos e brincadeiras são bem diferentes daquelas do tempo de minha mãe e do meu tempo. Da mesma forma, as crianças maiores gostam muito de brincadeiras não indígenas como o futebol, o vôlei, por exemplo. Há também os brinquedos industrializados, como o carrinho que é comprado na loja.

Figura 4 - Crianças indígenas brincando com o celular.



Fonte: Dados da pesquisa.

Como outras crianças da atualidade, eles se divertem com os brinquedos eletrônicos através do uso do celular. Percebo que aprendem muito com essa ferramenta. Em algumas situações, eles têm mais facilidade para resolver problemas no celular que os adultos. Essa é uma situação nova, por isso que é importante estudar mais para entender os impactos da tecnologia sobre as infâncias indígenas desta geração. Assim, o relato de minha mãe, as minhas percepções e os registros

de como meus filhos brincam hoje, ajudam a entender que as infâncias são dinâmicas, mudam de acordo com cada tempo.

Outro tema que perguntei da minha mãe foi sobre a alfabetização. De acordo com o seu relato, pude perceber que neste tempo, nem todos podiam frequentar a escola quando eram crianças, no caso da minha mãe, ela só teve acesso ao ensino formal na adolescência: “[...] quando fiquei mocinha comecei a estudar na escola *Xinepo abah* com professora não indígena, a *Gajataja*, foi meu pai que deu nome dela na língua Gavião. Aprendi vogais e consoantes e saber contar. Estudei aproximadamente 5 anos”.

Durante a conversa ela informou que como outras pessoas da comunidade, foi alfabetizada em língua indígena, com o missionário Orestes da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) e também com o professor indígena Claudinei Xirxirahv Gavião por meio da cartilha “Pamakóbáv sev”, que foi produzida pela organização religiosa. Dentre outras palavras-chave, esse material trabalhava com *vása/anta* e *vavó/jacaré* conforme apontam as imagens.

Figura 5 - Cartilha “Pamakóbáv sev” - (MNTB).



Fonte: Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA).

Este relato é importante porque ajuda a entender um pouco como ocorreram as primeiras experiências de acesso à cultura escrita no contexto Gavião Ikolen: “[...] as possíveis marcas que ainda repercutem nas escolas indígenas relacionadas a este

material, bem como o fortalecimento da pesquisa histórica no âmbito da Alfabetização Intercultural Indígena” (Neves; Melo, 2023, p. 14).

Disse que aprendeu a ler e escrever um pouco também em língua portuguesa. Atualmente percebo que ela não fala muito, mas compreende o português. Pelo seu relato, foi possível observar que ela estudou durante cinco anos. Este conhecimento serve para ela fazer leituras da bíblia na língua Gavião.

Entendi que uma das razões para a pouca frequência escolar neste período tem relação com a cultura do povo, pois nesta época a comunidade não ficava de forma fixa em uma única aldeia. E isso acontecia por causa das visitas nas casas dos parentes, outras vezes, era o trabalho nos seringais, que necessitava de muitos dias para as atividades. Assim, embora tenha retornado para a escola depois, sua escolarização foi de pouco tempo, mas ela aprendeu outras coisas. Através de sua fala foi possível entender aspectos da geografia indígena por meio do nome de tantas aldeias:

No tempo que estava estudando a gente não tinha parada certa. A gente andava em muitos lugares. Quando nosso pai e mãe, trabalhava na seringa, a gente acompanhava eles, ficando no mato por uns 20 vinte dias. Depois a gente voltava de novo para Igarapé Lourdes onde estudei um pouco mais com professora. Eu estudei, acho que uns meses (*mohj kati*). Aí decidiram parar de estudar, pois meu pai começou a trabalhar de novo. Dessa vez meu pai levou a gente para muito longe. Saindo de Igarapé Lourdes passava numa aldeia *Pasav Ko Kuv* (Serra da Providência) até chegar na aldeia antiga chamada *Zav Vetah*, eram 5 dias (*mohj pabe karabi*) de viagem a pé. Era muito cansativo. Depois de 1 ano (*mohj kavo*) voltamos para a nossa aldeia. Enquanto já tinha um filho, meu pai abriu outra aldeia chamava *Jarupin* para morar aproximadamente 10 anos. Depois desse tempo decidiram mudar para a aldeia *Ikolen*. Depois meu pai abriu de novo nossa própria aldeia chamada de *Tucumã*, local onde permanecemos até hoje, assim, não tem mais saída de nossa aldeia, lá tem escola e poço artesiano. Meu pai já está velho, minha mãe e eu também. (Cleusa Eja Gavião, 2023).

Muitas coisas aconteceram neste tempo de andanças pelas aldeias conforme a memória de minha mãe. Pude compreender que nesta época o modo de viver dos Gavião era bem diferente de hoje. Como ela falou, a última aldeia que meu avô abriu foi a *Tucumã*, nossa comunidade atual. E, vivemos hoje de forma mais fixa, pois a escola, o poço artesiano, elementos culturais não indígenas, por exemplo de certo modo tem relação com essas mudanças.

### **3. Minhas memórias de alfabetização e escolarização – aprendizagens interculturais**

[...] as narrativas têm sido usadas com o u m instrumental de coleta de dados. Se é verdade que o homem é um ser contador de histórias [...], a investigação de caráter qualitativo tem tido o mérito de explorar e organizar este potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através dele. (Cunha, 1997, p. 192).

Nesse tópico vou contar um pouco da minha história. Meu nome é Marcelo Barpeh Pohj Zoró. Sou da etnia Gavião e Zoró, isso porque meu pai é Zoró e minha mãe é Gavião. Nasci em Ji-Paraná no dia 21 de julho de 1995, tenho 28 anos. Moro na aldeia Tucumã, na Terra Indígena Igarapé Lourdes. Sou casado e tenho, dois filhos.

Figura 6 - Marcelo Barpeh Pohj Zoró e sua família



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando eu era criança, morava na aldeia Igarapé Lourdes e foi lá que iniciei meus estudos, pois passei a frequentar a Escola Indígena Estadual Xinépoh Abáh Gavião pela primeira vez, eu tinha seis anos de idade e o meu primeiro professor foi o José *Palav* Gavião. Ele também cursou a Licenciatura Intercultural na UNIR.

Aos 7 anos de idade, eu e minha família mudamos para aldeia Ikólóéhj e continuei os meus estudos nessa aldeia com o professor Zacarias *Kapiaar* Gavião, formado pela Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. O outro professor foi o Arnaldo *Pabé* Gavião, atualmente frequenta também o Intercultural. Estudei com eles por aproximadamente um ano. Dois anos depois, abrimos a nossa própria Aldeia, que é a *Tucumã*.

Figura 7 - Vista da Aldeia Tucumã.



Fonte: Dados da pesquisa.

Enquanto morávamos lá, o Edmilson *Muhv* Gavião foi contratado como nosso professor. Nossa turma era de 6 alunos. A escola foi construída de madeira e a cobertura de palha. Nessa época essa escola não tinha cadeiras. As nossas cadeiras eram feitas de madeira, feitas por nossa própria comunidade que fez de tábuas as paredes, mesas e balcão, pois tínhamos que sentar um do lado do outro. Atualmente, a escola é de alvenaria, conforme a imagem que segue:

Figura 8 - Vista atual da EIEEF Malo'j Kar



Fonte: Dados da pesquisa.

Ali o nosso professor nos ensinava o alfabeto, as consoantes e vogais. As primeiras letras que eu aprendi com professor foram as vogais. Eu aprendia a escrever meu nome naquele tempo com ele. Ele escrevia meu nome de caneta e eu seguia os pontilhados que davam forma às letras. Ele também desenhava imagens de bichos e seus nomes e a gente cobria também.

Ele costumava misturar as letras para a gente organizar a sequência alfabética. Depois, escrevia sílabas, como ma, me, mi, mo, mu para que a gente entendesse como as palavras se formam. Este tipo de atividade envolvia a cópia de nossos nomes, dos nomes também de outras coisas. Assim eu aprendi a ler, escrever e fazer produção de textos na língua materna. Com ele estudei até quinta série.

Depois, para continuar cursando o ensino fundamental passei a frequentar a escola estadual situada a uns 7 km da aldeia. Todos os dias da semana eu enfrentava sol e poeira. Quando um caminhão passava a gente ficava todo cheio de poeira nos cabelos e nas roupas e também nos cadernos. Quando era tempo de chuva era difícil para estudar. Às vezes, a chuva molhava os nossos cadernos. Dai a gente fechava com uma sacola plástica para não molhar. Não tinha ônibus de escola nesse tempo. Eu estudei o 6º ano com o professor Iran Gavião na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Zavidjaj Xikov Pí Pòhv na Aldeia Ikólóéhj/Ikolen 2. Ele nos ensinava língua materna do povo Gavião. Foi com ele que aprofundei a leitura e a escrita corretamente na grafia do povo Gavião.

Estudei também com os professores não indígenas. Uma delas foi a professora Joelma, que era professora de Geografia e a de Língua Portuguesa era professora Meire. E outros professores davam aulas de outras disciplinas, com esses professores aprendi a ler e escrever em português e buscar mais conhecimentos relevantes para contribuir para o meu povo.

Quando conclui o Ensino Fundamental comecei a cursar o Magistério Indígena, o Projeto Açaí. Lá estudei por 3 anos e me formei. Em 2018 fiz o vestibular para o curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. Fiquei muito emocionado porque passei e esta experiência tem sido muito importante em minha vida.

#### **4. Sobre as línguas e a Alfabetização Intercultural**

Nos contextos sociais em que as crianças, desde seus primeiros anos, estão em contato permanente com a linguagem escrita - em casa (revistas, livros, televisão), na rua (placas, letreiros, logotipos) etc. - há um grande estímulo para que elas comecem a se interessar pela leitura e escrita desde cedo. Quando se trata de sociedades como as indígenas, que não têm tradição de escrita, ou que têm uma tradição de escrita muito recente, perceber por que e para que a leitura e a escrita existem é algo que acontecerá mais devagar. Algo que acontecerá, especialmente se essa escrita for em língua indígena, à

medida que funções sociais importantes para a leitura e a escrita forem sendo criadas. (Brasil, 1998, p. 134).

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) é um documento oficial que explica um pouco do processo ensino-aprendizagem no contexto indígena. Neste tópico, apresentaremos breve resumo que trata das línguas no processo escolar e as ações para ajudar no estudo das línguas indígenas e a língua portuguesa na escola. (Brasil, 1998).

De acordo com o documento, há muitos povos indígenas aqui no Brasil de culturas diferentes, principalmente de línguas diferentes. E neste contexto, está o meu povo Gavião Ikólóéhj, falante de uma língua de tronco Tupi e da família linguística Mondé. Nosso modo de falar é bem próximo das línguas faladas pelos Zoró, Paiter Suruí e Cinta-Larga. Significa dizer que a gente fala praticamente a mesma língua, há pouca diferença.

Nós povos falantes das línguas do tronco Tupi Mondé somos um pouco diferente quando falamos os nomes de objetos e nomes dos animais. Por exemplo: no povo Gavião a palavra lagarto na língua materna é *sodegàh*, já o povo Zoró chama *madega* em sua língua. O povo Paiter Suruí chama na língua de *manegah* e para o povo Cinta Larga é *manekaa*. Podemos observar como os povos Tupi-Mondé são falantes de uma língua do mesmo tronco, porém um pouco diferente, principalmente na grafia.

Mas, esses povos falantes de Tupi Mondé não moram no mesmo território. O povo Zoró é um grupo de indígenas que habita o noroeste do Estado Brasileiro de Mato Grosso, no município de Rondolândia. O povo Paiter Suruí vive no território Sete de Setembro, no município de Cacoal. O povo Cinta-Larga vive no seu território Roosevelt. Sobre estas semelhanças, o RCNEI afirma que::

Uma mesma língua não pode ser falada exatamente do mesmo modo por todos os que a usam. Assim como o português pode ser falado de diferentes maneiras (o português gaúcho e diferentes do português pernambucano- português dos jovens é diferentes do português falando por pessoas mais velhas), Também as línguas indígenas podem apresentar variações. (Brasil, 1998, p. 116).

Então é muito importante estudar a língua, o nosso idioma na escola. A escrita é para ajudar na preservação cultural, na sua valorização. Com isso pode assegurar a continuidade da nossa gramática, a manutenção da nossa língua. Por isso, nós do povo indígena Gavião não queremos perder os nossos costumes e nossa cultura,

queremos manter a nossa língua sempre viva. Até hoje o nosso povo continua falando a sua língua materna nas aldeias.

Quando eu vejo isso na minha comunidade, penso o quanto é significativo os Gavião sempre manter a cultura viva. Então, nós do povo Gavião Ikólóéhj queremos que as crianças Gavião permaneçam falando a língua materna. Não queremos que nossas futuras gerações esqueçam este modo de falar. Nós vamos valorizar e assegurar a nossa língua e a sobrevivência do povo Ikólóéhj originário para que as novas gerações possam continuar a nossa cultura. A nossa língua não pode desaparecer.

Tem história de nossos antepassados, transmitidas pela oralidade, que fala que antigamente o “Branco” não deixava o povo falar na língua, por que eles tinham preconceito sobre a cultura. Os “Branco” queriam que falássemos só a língua dos portugueses que dominavam o Brasil. Por isso que eles queriam que indígenas falassem na língua própria deles. Se os indígenas falassem na língua originária, havia punições ou mesmo poderiam matar os indígenas. Era assim que os “Branco” tratavam mal nossos antepassados. Podemos observar novamente um fragmento do texto, onde está escrito assim:

Mas quando se considera a sobrevivência das línguas indígenas tem-se que pensar também em outras armas usadas contra elas e que foram e são tão perigoso quando o genocídio. Uma das utilizadas por falantes de língua dominantes para manter o seu poder linguístico é demonstrar desprezo pela língua minoritária. (Brasil, 1998, p. 117).

Hoje nós indígenas precisamos aprender a ler e a compreender a língua portuguesa, pois reconhecemos que é importante para defender o nosso direito por meio da Constituição federal de 1988, regulamentos, documentos pessoais, contratos, títulos, registros e estatutos. É por isso que queremos aprender a língua portuguesa. Na atualidade, nós povos indígenas, temos mais contato com os “Branco” e neste processo é preciso saber o português para negociação, como comprar e vender, por exemplo: Ainda neste sentido, o texto lido afirma que:

As relações socioeconômicas tem revelado aos grupos indígenas necessidade de aprender a língua majoritária dos país. Tornou-se necessário saber essa língua para compreender as normas do mercado de consumo, as relações de trabalho, as regras de escoamento de produção e as negociações de forma geral, diminuindo, dessa maneira, desequilíbrio que se veria, nessa situação, pelo pouco domínio da língua oficial. (Brasil, 1998, p. 121).

Esse texto faz uma reflexão sobre esse processo mais amplo de reivindicação de uma educação diferenciada, porque educação tem que ser para todos, porém esse para todos deve respeitar as diferentes formas de educar, devido às especificidades existentes. Há diferenças de cultura, de linguística e do conhecimento étnico. Esses movimentos de reivindicar e respeitar as diferenças, respeito as suas línguas, respeitar o processo de aprendizagem, com isso a educação tem que ser de modo diferenciado. Não podemos aceitar apenas a escola com o modo de ensinar e aprender dos não indígenas porque as nossas sociedades indígenas, nossos povos temos uma cultura diferente, conhecimentos diferentes, concepções diferentes, pois:

Na escola e na aldeia, os grupos sociais organizam suas redes de relações tecidas em tramas de significações, que apesar de inseridos em um contexto mais amplo, onde a lógica do mercado se impõe como força hegemônica, ainda seguem princípios e práticas do modo de vida em comunidade, ancorado por vínculos e regras sociais, presentes no espírito da circulação e trocas simbólicas. (Fonseca, 2019, p. 122).

Então a escola e os processos são distintos, pois temos que manter a discussão que respeita as culturas diferentes, principalmente uma visão intercultural. Então com essa população de povos indígenas, esse contato com as sociedades não indígenas, essa escola tinha que ser de modo diferente, específico e comunitário. Também teria que ser intercultural.

Para o RCNEI (BRASIL, 1998), o termo intercultural nasce juntamente com a reivindicação das populações indígenas. Essa discussão sobre a interculturalidade também é feita por outros grupos sociais, tais como as populações de quilombos, ribeirinhas, catadores entre outros. Esses grupos também reivindicam uma educação intercultural. Então nesse modo de ensino e aprendizagem intercultural, a escola diferenciada, deve ser específica, comunitária considerando a forma de viver do povo.

Essa concepção deu origem à Alfabetização Intercultural, temática que tem sido pesquisada há mais de dez anos por equipes de pesquisa da UNIR, Campus de Ji-Paraná-RO. (Neves, 2005; 2009; Surui, 2015; Nunes, 2018; Santos, 2020; Gavião, 2021; Surui, 2023a; Surui, 2023b). Diz respeito a “[...] um aspecto que compõe a temática Educação Intercultural, vinculada a especificidade do processo de aquisição e apropriação da leitura e escrita em contextos indígenas”. (Neves, 2009, p. 297). Como nosso estudo tem a finalidade de compreender os saberes das crianças Gavião Ikolen sobre às aprendizagens iniciais da leitura e da escrita, ele passa a fazer parte também destas investigações.

Sabemos que é através do aprender a ler e escrever que os povos indígenas ingressam na cultura escrita. Este conhecimento, é fundamental para o nosso atual modo de viver, seja através da língua Gavião ou da língua portuguesa, em materiais impressos ou eletrônicos, pois:

A escrita mediatizada pelos recursos tecnológicos, caso do aparelho celular e da internet mediante uso do aplicativo de WhatsApp, por exemplo, serve para a comunicação em língua indígena com os parentes de aldeias distantes ou em língua portuguesa com pessoas de outras etnias e/ou não indígenas. E que além do uso pessoal, a escrita tem contribuído para a veiculação de mensagens coletivas impressas para autoridades e também como meio de disseminação das perspectivas políticas dos povos indígenas através das redes sociais. (Neves, 2023, p. 1).

Este estudo, é importante para o professor ou professora conhecer o que as crianças indígenas já sabem sobre a escrita, o que pensam a respeito disso. Com base neste conhecimento pode planejar suas atividades pedagógicas de forma a ajudar seus alunos e alunas a saberem mais para que serve a leitura e a escrita no mundo atual. Esta parte do texto foi produzido a partir das leituras do material bibliográfico selecionado: o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998) e o texto: Alfabetização Intercultural Indígena na pauta dos Direitos Humanos – prerrogativa das populações originárias às culturas do escrito (Neves, 2023), em sintonia com meu contexto cultural, a comunidade Gavião Ikolen.

## **5. Reflexões sobre a sondagem na alfabetização na aldeia indígena**

[...] as crianças pensam a propósito da escrita, e seu pensamento tem interesse, coerência, validade e extraordinário potencial educativo. Temos o dever de escutá-las. Temos de ser capazes de escutá-las desde os primeiros balbucios escritos [...]. (Ferreiro, 2002, p. 36)

A leitura do trabalho do pesquisador indígena, o mestre Zacarias Kapiaar Gavião (2018) discute aspectos importantes da Educação Escolar Indígena, principalmente no que diz respeito a sua relação com a educação tradicional/ancestral do povo Gavião. Foi possível relacionar esta reflexão com meu estudo, ou seja, quais são os saberes que as crianças têm sobre a escrita no processo de alfabetização.

Significa dizer que assim como outros conhecimentos, o aprendizado das crianças sobre a escrita não começa na escola. Nas atividades de sondagem que desenvolvi junto às crianças Gavião da Aldeia Tucumã, pude perceber que suas percepções sobre a escrita começam fora do espaço escolar. Quando pedimos para

a criança escrever do seu jeito uma lista de nomes de animais existentes na Terra Indígena, por exemplo, estamos juntando os seus saberes comunitários aos saberes ocidentais. A esse respeito foi importante aprofundar neste processo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aspectos do modo de viver dos Gavião:

[...] a cultura do Povo Ikolen está ligada a toda atividade que compõe a sua organização social. [...] a cultura está ligada ao conhecimento cosmológico Gavião que se expressa de várias formas. As aprendizagens que construí com meu pai, o jeito que ele lidava com a natureza, observando a ligação que ele tinha com floresta e com os animais. Seus conhecimentos são fundamentados na lógica da observação, atenção e interpretação da natureza, como os saberes de localização, orientação temporal, relação com os animais da floresta, elementos que permitem compreender fenômenos do dia a dia, como calcular distância. Como por exemplo, no dia da caçada, qual o horário que deve ir para caçar, o local que pode localizar os animais mais rápido, o tempo de ida e volta para que possa retornar para a casa ainda de dia, o cálculo do horário de chegada com a feira do dia e assim por diante. (Gavião, 2018, p. 28).

Neste sentido, a vivência das atividades tradicionais do dia a dia da comunidade, ajuda as crianças a compreenderem aquilo que a escola trabalha. Além de significar uma forma de valorização de seus conhecimentos, pois como define a Educação crítica freireana: “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 1996, p. ). Assim, o que já sabem pode ser considerado no processo da alfabetização, aspecto que inclui a sondagem.

O estudo da sondagem na alfabetização, foi uma das atividades que mais gostei de fazer na Universidade. Aprendi isso no curso Licenciatura em Educação Intercultural, nas disciplinas de Estágio Supervisionado I, Língua e Literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental e aprofundei durante a orientação do TCC. A sondagem é um jeito da gente conhecer o que as crianças sabem sobre ler e escrever mesmo que ainda não tenham muitas experiências escolares. Uma atividade importante para os estudos da Alfabetização Intercultural.

Para desenvolver esta atividade é preciso considerar que a criança aprende a partir da observação e interação em suas realidades, pois é um “[...] sujeito cognoscente, o sujeito que busca adquirir conhecimento [...] é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca”. (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 29).

Elas sabem muitas coisas, isso inclui os saberes da leitura e da escrita, considerando que os registros estão em muitos lugares da aldeia e podem ser

relacionados ao trabalho pedagógico: “A exposição de uma placa com a identificação de um projeto em língua indígena, que está sendo desenvolvido na comunidade, por exemplo, pode ajudar na discussão do sistema de escrita”. (Neves, 2023, p. 1). Assim, este conhecimento referente às percepções infantis ajuda o professor ou professora a conhecer e partindo daí, planejar seu trabalho na sala de aula na alfabetização. Para isso precisa compreender o significado da atividade de sondagem:

Sondagem é a atividade de diagnóstico das hipóteses de escrita de cada aluno de uma turma de alfabetização e é usada para avaliar a evolução do processo de aprendizagem. Consiste em uma produção espontânea de uma lista de palavras, sem apoio de qualquer fonte e nem intervenção do professor, e pode ser seguida ou não pela produção escrita de alguma frase. (Mansani, 2016, p. 1).

Com base neste entendimento é que realizei as atividades com as crianças indígenas Gavião Ikolen. A sondagem foi feita através de registros de vídeos e fotos, mediante as seguintes etapas: convidei as crianças para participar do trabalho; expliquei o objetivo para elas e seus familiares com vistas a obter a sua autorização. Depois pedi que cada criança por vez, fizesse o desenho da palavra ditada. Isso é importante porque, “[...] neste processo de aprender a ler e a escrever, as crianças indígenas atuam como seres epistêmicos [...]. Em um primeiro momento representam seus entendimentos de mundo a partir dos recursos icônicos, o desenho [...]”. (Neves, 2023, p. 1). Na sequência, pedi que escrevesse e lesse algumas palavras de uma lista de coisas que conhece conforme seu pensamento. No final, fiz a análise por escrito da produção espontânea infantil apontando a hipótese de escrita a ela relacionada.

O planejamento das listas de palavras foram pensadas a partir de coisas que as crianças já conhecem e que faziam parte do mesmo campo semântico, como: nomes de peixes (*boliv kabé/pacu*, *odjira/mandi*, *babóh/traíra* e *djia*); nomes de animais: *àlímékòhr/macaco barrigudo*, *ábixehv/nambu*, *vakòhj/mutum*, *nekó/ onça*, *djiv/morcego*; *vasakoli/tamanduá*, *bebekor/porco do mato*, *vasa/anta* e *baj/cobra*; nome de frutas: *adadá/abacaxi*, *baková/banana*, *ibogá/mamão*, *olixia/caju*, *bivkuhv/açaí* e *bolirape/ingá* e nomes de materiais escolares: apontador, caderno, lápis e giz.

As palavras envolviam características: monossílabas (uma sílaba), dissílabas (duas sílabas), trissílabas (três sílabas), polissílabas (quatro sílabas ou mais), acompanhados de desenhos correspondentes que poderiam ser feitos pelas próprias crianças. Depois preparei as folhas em branco e sem linhas para a atividade.

Durante o trabalho com cada criança, procurei apenas observar como ela fazia a sua escrita e com isso mostrava o que já sabia sobre ler e escrever, pois: “Na sondagem, o ideal é que os alunos escrevam da melhor maneira possível e sem interferências, para que saibamos realmente em que fase estão e o que pensam sobre as escritas. [...]”. (Mansani, 2016, p. 1).

Muitas crianças das aldeias da Terra Indígena Igarapé Lourdes foram convidadas, mas devido a timidez não conseguiram participar até o fim. Mas, foi possível contar com a colaboração de 4 delas, sendo duas meninas e dois meninos: Chanaia Gavião - 7 anos, Mizael Gavião – 8 anos, Elida Gavião - 9 anos e Dílson Gavião – 7 anos (2021) e 9 anos (2023). Combinei com as crianças e seus pais a data do encontro que aconteceu em diferentes dias e lugares.

No início da Sondagem, encorajava a criança a participar do trabalho, falava assim para ela: “Eu quero que você escreva aqui no papel do jeito que você acha que é, do seu jeito”. No começo percebi que algumas tiveram medo de errar as palavras, mas apesar disso, continuaram. Então depois que escreviam os nomes dos animais, eu pedia para lerem em voz alta, porque dessa forma ajuda o professor a verificar como está o seu pensamento a respeito do sistema da escrita. Ajuda a entender como ela está fazendo a relação entre a escrita e a leitura.

### 5.1 - Sondagem com a Chanaia Gavião - Campo semântico: nomes de peixes

Figura 9 - Sondagem da Chanaia



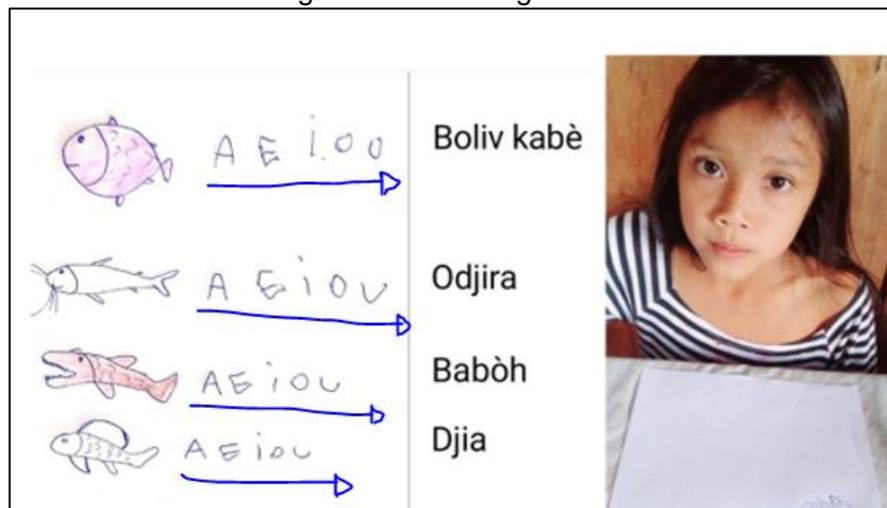
Fonte: Dados da pesquisa.

A primeira criança que participou da atividade foi uma menina chamada Chanaia, ela tem 7 anos e estuda no 1º ano na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Zavidjaj Xikov Pí Pòhv, localizada na aldeia Ikolen, na Terra Indígena Igarapé Lourdes, no município de Ji-Paraná, estado de Rondônia. Perguntei se ela

poderia me ajudar com um trabalho da faculdade e ela disse sim. Esta atividade foi realizada na aldeia Nova Esperança que fica neste mesmo território.

A criança desenhou e depois escreveu do seu jeito o nome dos peixes, pronunciando a palavra em língua Gavião, na seguinte ordem: boliv kabé/pacu, odjira/mandi, babóh/traíra e djia/tamuatá. Ela participou e se sentiu importante ao fazer a atividade, pois: “[...] a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais)”. (Ferreiro, 2007, p. 25).

Figura 10 – Sondagem da Chanaia



Fonte: Dados da pesquisa.

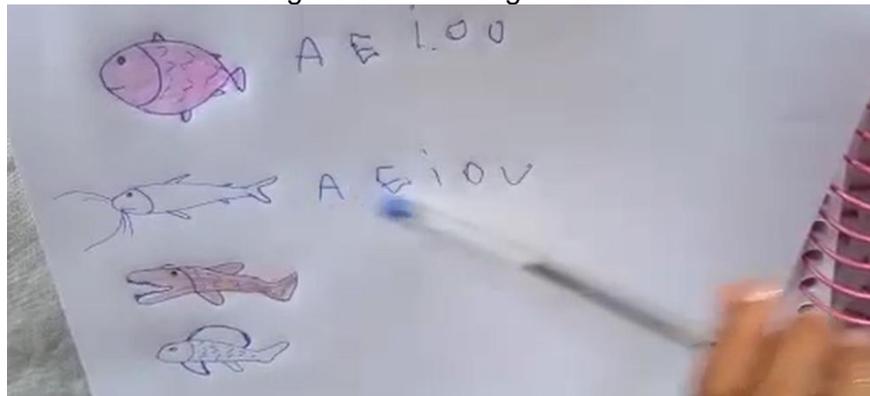
Tenho aprendido que ao olhar um texto como o da Chanaia, feito de forma espontânea de acordo com os saberes da criança é importante pontuar o que ela já sabe e não o que ainda não aprendeu. Assim, observo que ela já sabe que para escrever precisa de letras, as letras que usa são as vogais para a escrita de todos os nomes de peixes que conhece, o que indica como está acontecendo o trabalho pedagógico na alfabetização. Sua escrita demonstra que memorizou estas letras, do português, língua que ela não fala, possivelmente devido a atividades constantes de cópia que faz em sala de aula.

A criança leu globalmente, passando a caneta rapidamente por debaixo das letras conforme mostra a seta azul. Ela tem ideia de que é necessário um mínimo de 5 letras para escrever (eixo quantitativo) e que devem ser diferentes na escrita da palavra (eixo qualitativo), que são os critérios de diferenciação na produção escrita:

Esses critérios de diferenciação são, inicialmente, intrafigurais e consistem no estabelecimento das propriedades que um texto escrito deve possuir para poder ser interpretáveis (ou seja, para que seja possível atribuir-lhe uma significação). [...] se expressam, sobre o eixo quantitativo, como a quantidade mínima de letras — geralmente três — que uma escrita deve ter para que “diga algo” e, sobre o eixo qualitativo, como a variação interna necessária para que uma série de grafias possa ser interpretada (se o escrito tem “o tempo todo a mesma letra”, não se pode ler, ou seja, não é interpretável). (Ferreiro, 1985, p. 20).

De acordo com o referencial construtivista de alfabetização, a escrita de Chanaia está dentro da Hipótese Pré-Silábica: “Neste nível, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma”. (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 193). As letras que Chanaia usa pertencem ao alfabeto da língua portuguesa.

Figura 11 – Sondagem da Chanaia



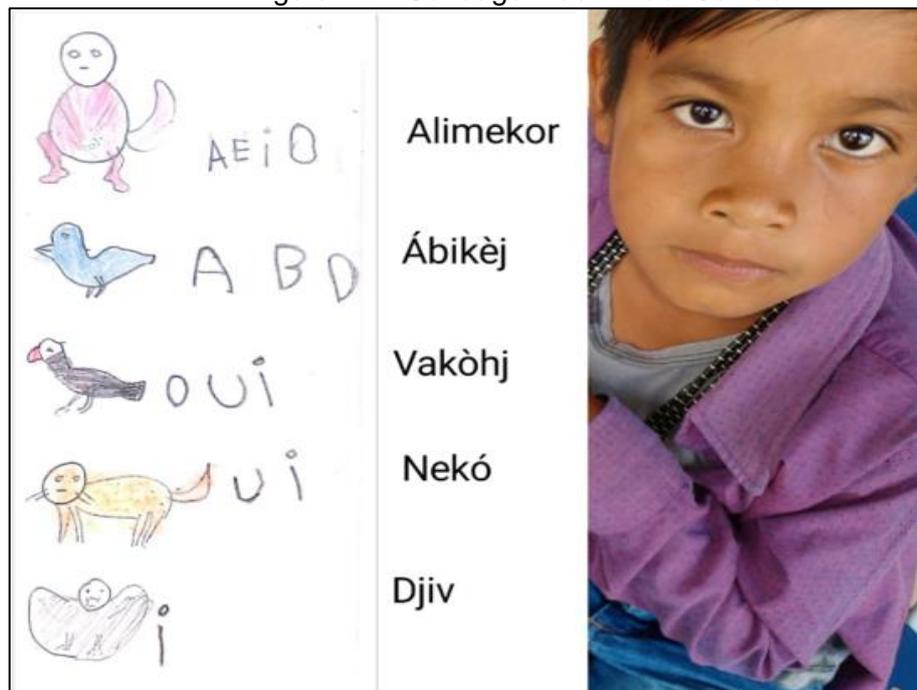
Fonte: Dados da pesquisa.

O desafio seguinte, ainda nesta hipótese, que a criança tem pela frente é fazer escritas diferentes para indicar palavras diferentes. Diz respeito aos critérios interfigurais (palavras diferentes exigem grafias diferentes) que seguem ao lado dos critérios intrafigurais (as letras de uma palavra não podem ser repetidas). (Ferreiro, 1985). Para isso é necessário a leitura diária do alfabeto, na língua Gavião ou em português, bem como textos diversos para a criança conhecer outras letras e assim diversificar seus escritos.

## 5.2 - Sondagem com Mizael Gavião - Campo semântico: nomes de animais

Convidei Mizael Gavião, de 8 anos para participar do meu trabalho no dia 6 de agosto de 2022. Expliquei para ele que eu precisava da sua ajuda e de sua colaboração para fazer um trabalho da Universidade, daí ele aceitou, fiz vídeo e os registros fotográficos. Ele estuda no 2º ano na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Malo'j Kar, localizada na Aldeia Tucumã na Terra Indígena Igarapé Lourdes, no município de Ji-Paraná, estado de Rondônia.

Figura 12 – Sondagem de Mizael Gavião



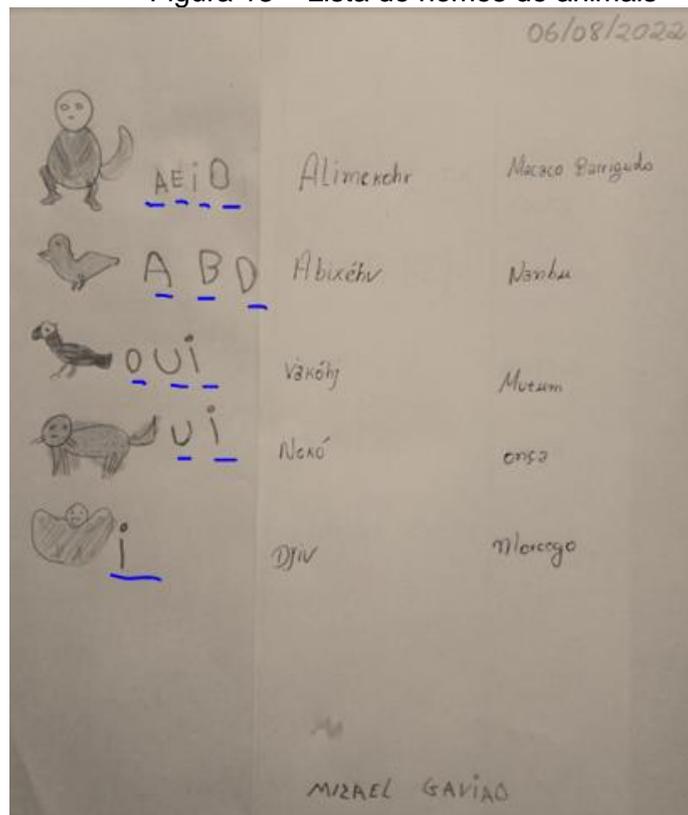
Fonte: Dados da pesquisa.

Depois que ele desenhou os animais, *àlímékòhr*/macaco barrigudo, *ábixehv*/nambu, *vakòhj*/mutum, *nekól*/ onça, *djiv*/morcego. Eu pedi para ele escrever os nomes de animais que conhece por meio de ditado em língua Gavião. A primeira palavra que escreveu foi macaco barrigudo porque é uma palavra grande. Essa palavra, macaco barrigudo na língua Gavião é polissílaba. Na hora que ele escreveu, fez de acordo com seu entendimento e conforme o som das palavras e a quantidade de sílabas, caso de *àlímékòhr*/ macaco barrigudo ele colocou quatro letras. Depois pedi para ele escrever nome do *abixehv*/nambu, ele escreveu com letras A B D. Quando eu perguntei: por que você colocou só três letras no nome do *Abixehv*? Aí me falou porque a boca só fala 3.

Depois que ele desenhou foto do mutum, eu pedi para ele escrever nome do **vakòhj**, mas ele colocou 3 letras. Parece que ele entendeu o final do nome do vakòhj

( i ) considerando a grafia e forma como pronunciou esta palavra. Depois que ele fez o desenho da onça, eu pedi para ele escrever o nome dela, **nekó**, observei que ele colocou só 2 letras e me respondeu como das outras vezes, a boca só fala 2 vezes. Também pedi para ele escrever nome do morcego, **djiv**, ele escreveu só com uma letra. Daí eu perguntei porque tinha colocado só uma letra, respondeu que o nome é curto, pois esse animal é pequeno, por isso que colocou só uma letra .

Figura 13 – Lista de nomes de animais



Fonte: Dados da pesquisa.

Todas as palavras que Mizrael Gavião escreve estão dentro da hipótese silábica, pois “Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras e compõe uma escrita [...] *cada letra vale por uma sílaba [...]*” (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 209, grifo das autoras). A criança colocou uma letra para cada sílaba e leu fazendo pausa em relação às letras, a ideia nesta etapa é que cada uma delas representa uma sílaba.

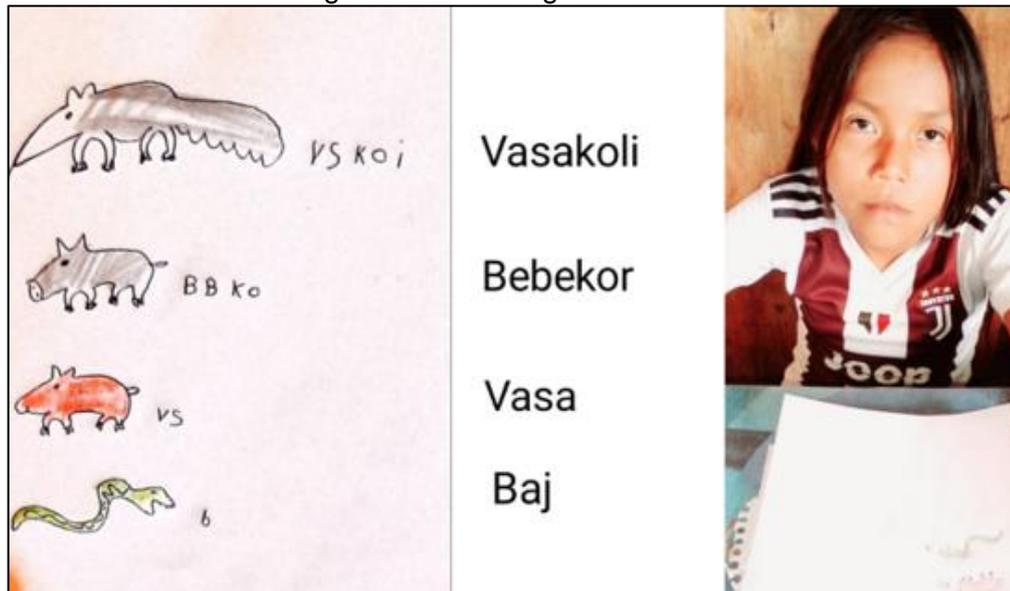
Assim, sua escrita corresponde a hipótese silábica sem valor sonoro, porque a maioria das palavras que escreveu usou letras - representadas por vogais ou consoantes, que não têm relação com seu som correspondente ou as letras não fazem parte da grafia da palavra convencional.

Mas, é importante considerar que talvez Mizael já esteja iniciando o processo de escrita na hipótese silábica com valor sonoro: a letra inicial e o som final da palavra *àlímékòhr*/macaco barrigudo; a primeira e a segunda letra do nome *ábixehv*/nambu e em *vakòhj*/mutum, escreveu a letra “i” como é a pronúncia da palavra na língua Gavião.

### 5.3 - Sondagem com a Elida Pevanehv Gavião - Campo semântico: nomes de animais

A terceira criança que participou da atividade foi Elida Pevanehv Gavião, uma menina de 9 anos. Ela estuda no 3º ano na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Malo'j Kar, localizada na Aldeia Tucumã na Terra Indígena Igarapé Lourdes, no município de Ji-Paraná, estado de Rondônia. Fizemos esta atividade no dia 13 de março de 2023.

Figura 14 – Sondagem da Elida Gavião.



Fonte: Dados da pesquisa.

A sondagem foi realizada com folha sulfite, caneta, lápis de cor para ela pintar o desenho. Os registros também foram feitos através de vídeos e fotos. Expliquei para ela me ajudar no meu trabalho na Universidade, ela aceitou. Então marquei um dia para fazer a sondagem com ela. No começo ela desenhou e depois escreveu do seu jeito o nome dos animais, pronunciando a palavra em língua Gavião, na seguinte ordem: *vasakoli*/tamanduá, *bebekor*/porco do mato, *vasa*/anta e *baj*/cobra.

Eu observei nessa escrita da minha sobrinha que ela colocou uma letra para cada sílaba e que as letras correspondem ao som da fala e a grafia convencional: “Quando as crianças passam a usar uma letra para representar cada emissão sonora levando em conta o som da vogal ou da consoante, elas desenvolvem a chamada hipótese silábica com valor sonoro” (Vichessi, 2019, p. 1).

Dessa forma é possível verificar que fez relação entre a fala e a escrita, que seu jeito de escrever é considerado pela psicogênese da língua escrita como Hipótese Silábica com valor sonoro, porque ela colocou as letras que realmente fazem parte da palavra e leu com os sons correspondentes. Este jeito de escrever é interessante pois: "A hipótese silábica é uma *construção original da criança* que não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto." (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 209, grifo das autoras). Essa sondagem foi muito importante porque mostrou conexões com o pensamento construtivista em território indígena.

#### **5.4 - Sondagem com Dílson Ihvkar Pohj Gavião - Campo semântico: nomes de frutas**

Esta atividade de sondagem, diferente das demais, foi feita na disciplina Estágio Supervisionado I, em 2021 no período da pandemia. Foi uma atividade envolvendo a alfabetização considerando que as escolas indígenas estavam fechadas nesta época por causa da doença contagiosa covid-19. Ela foi importante porque motivou o aprofundamento do estudo no TCC.

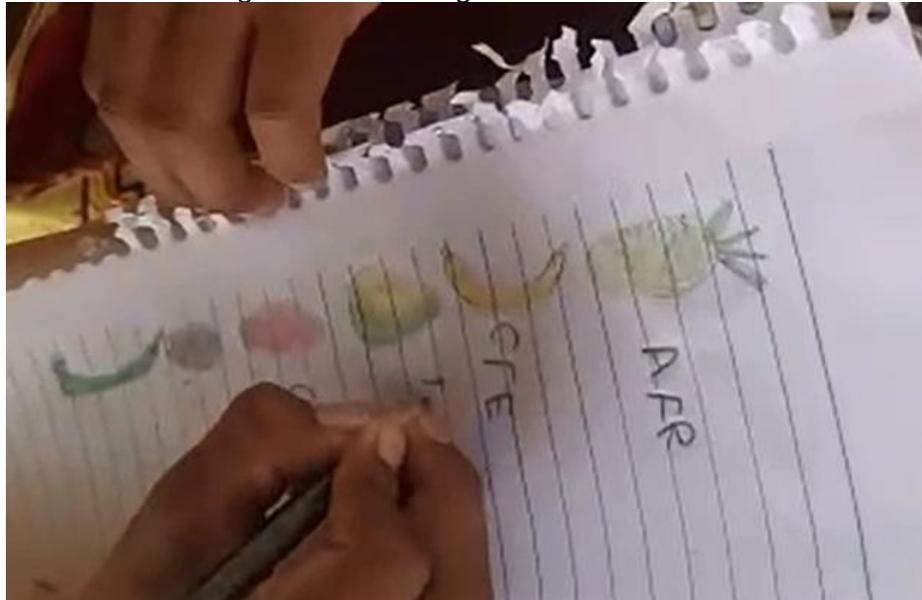
A tarefa foi desencadeada pela seguinte questão: O que as crianças indígenas sabem sobre a escrita? O passo a passo foi sistematizado da seguinte forma:

- 1- Convidar uma criança da aldeia de 4 a 10 anos para participar da atividade;
- 2- Explique que é um trabalho da Universidade;
- 3- Pedir para a criança desenhar as seguintes palavras: abacaxi, banana, mamão, caju, açai, e ingá;
- 4- Depois dos desenhos pedir para ela escrever o nome de cada fruta em sua língua materna;
- 5- Cada vez que a criança escrever uma palavra, mesmo que seja do jeito dela, peça que leia;
- 6- Registre por meio de um vídeo a atividade de leitura e escrita;
- 7- Registre também com fotos (pelo menos 5);
- 8- Após a realização desta tarefa acrescente os registros na segunda parte de seu Relatório de Estágio, incluindo nome e idade da criança.

O objetivo foi refletir sobre o início da escolarização por meio do conhecimento que as crianças indígenas (com experiência escolar ou não) têm sobre a língua escrita, pois: "Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. (Ferreiro, 1985, p. 29). E foi em busca deste documento que propus a sondagem com o Dílson Gavião, momento em que fotografei e fiz o vídeo para registrar sua leitura. Foi uma atividade que gostei muito de fazer, porque a reação da criança era muito parecido com o que a gente estudava na Universidade.

Esta atividade foi realizada na aldeia Tucumã, na Terra Indígena Igarapé Lourdes que fica localizada no município de Ji-Paraná, estado de Rondônia. No dia 18 de junho de 2021 convidei Dílson Ihvkar Pohj Gavião, 7 anos de idade para participar do meu trabalho. Ele ainda não tinha experiência escolar. Eu expliquei para ele que precisava de sua colaboração para fazer um trabalho da universidade e ele aceitou. Fiz o vídeo e os registros fotográficos.

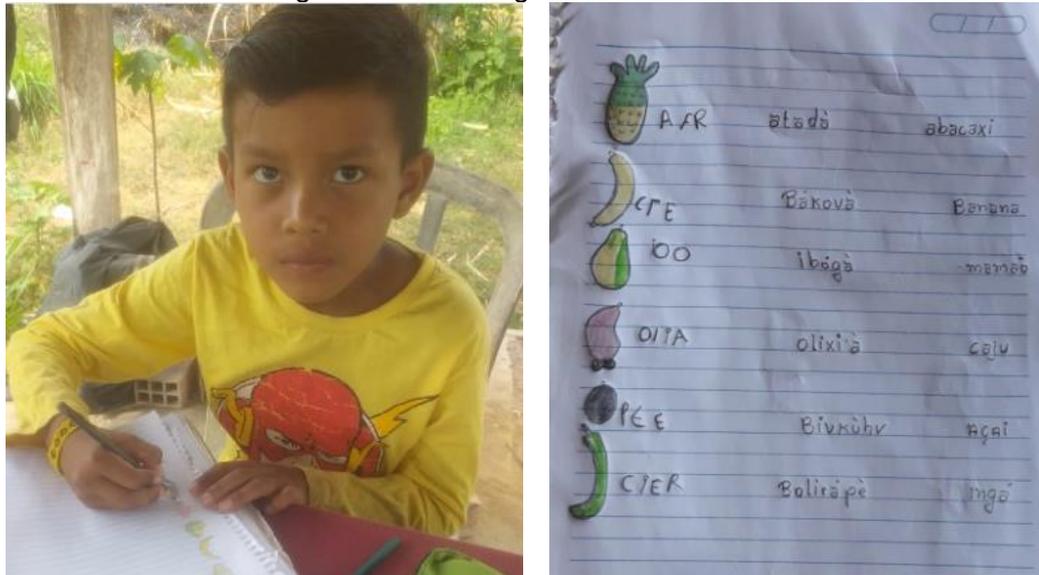
Figura 15 – Sondagem do Dílson Gavião 2021



Fonte: Dados da pesquisa.

Depois que ele desenhou as frutas, eu pedi que escrevesse do jeito que sabia fazer em sua primeira língua, o Gavião: *adadá/abacaxi*, *baková/banana*, *ibogá/mamão*, *olixia/caju*, *bivkuhv/açaí* e *bolirape/ingá*. Os desenhos ficaram muito bonitos. Ele é um menino muito inteligente. Na hora que ele escreveu fez de acordo com o seu entendimento e conforme o som das palavras e a quantidade de sílabas.

Figura 16 – Sondagem do Dílson Gavião 2021



Fonte: Dados da pesquisa.

No caso de *adadá/abacaxi*, por exemplo, ele colocou três letras e leu como uma palavra de 3 sílabas, fez assim com as demais escritas, situação que mostra um exemplo de Hipótese Silábica sem valor sonoro, significa que: "[...] escrever algo é ir representando, progressivamente, as partes sonoras desse nome" e que "o meio ofereceu um repertório de letras, uma série de equivalentes sonoros para várias delas" (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 217). Reparei que escreveu a inicial da palavra *adadá* da mesma forma que a escrita convencional, aspecto importante em um contexto de sala de aula para um acompanhamento de evolução de hipóteses.

Figura 17 – Contagem das emissões sonoras - 2021



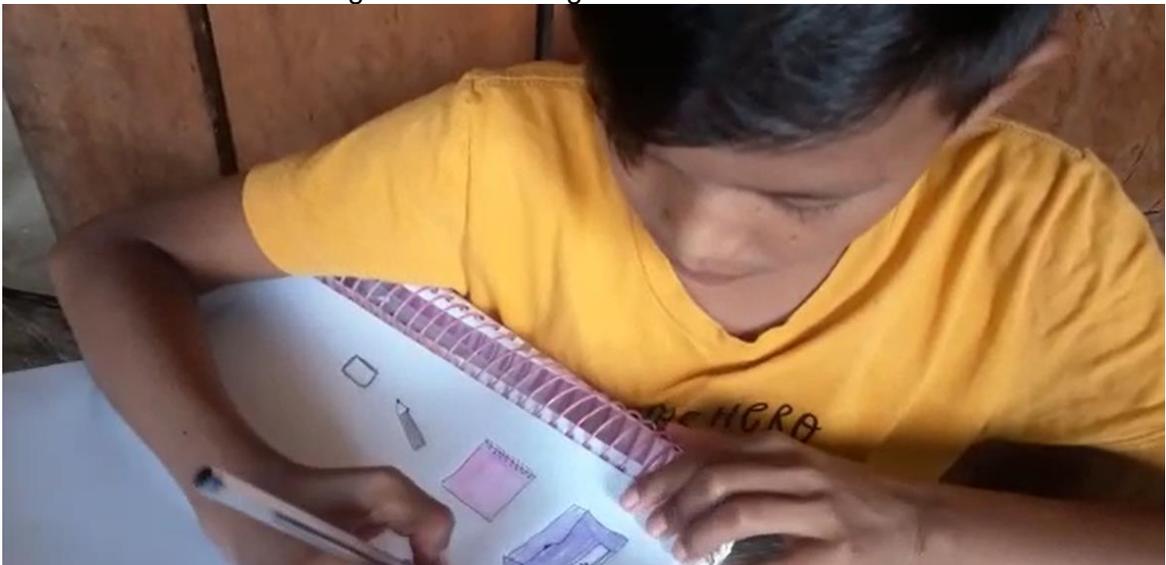
Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, quando perguntei a ele o motivo de ter colocado só 3 letras para a palavra *adadá*, ele explicou fazendo relação entre a contagem das emissões sonoras e os dedos das mãos. Essa situação ficou registrada no vídeo que foi produzido durante a sondagem, contribuiu para o entendimento que as crianças indígenas, por meio de suas línguas maternas elaboram hipóteses de escritas conforme descreveu Emilia Ferreiro em seus estudos.

Como já informei esta atividade de sondagem aconteceu na época da pandemia, em 2021, com crianças de parentes próximos, devido ao fato das escolas da Terra Indígena Igarapé Lourdes se encontrarem fechadas. Em 2023, com a decisão de continuar estudando este tema, resolvi convidar novamente o Dílson Gavião para verificar como estava o seu processo de alfabetização, discussão presente no tópico que seguinte.

### **5.5 - Sondagem com Dílson Ihvkar Pohj Gavião - Campo semântico: material escolar**

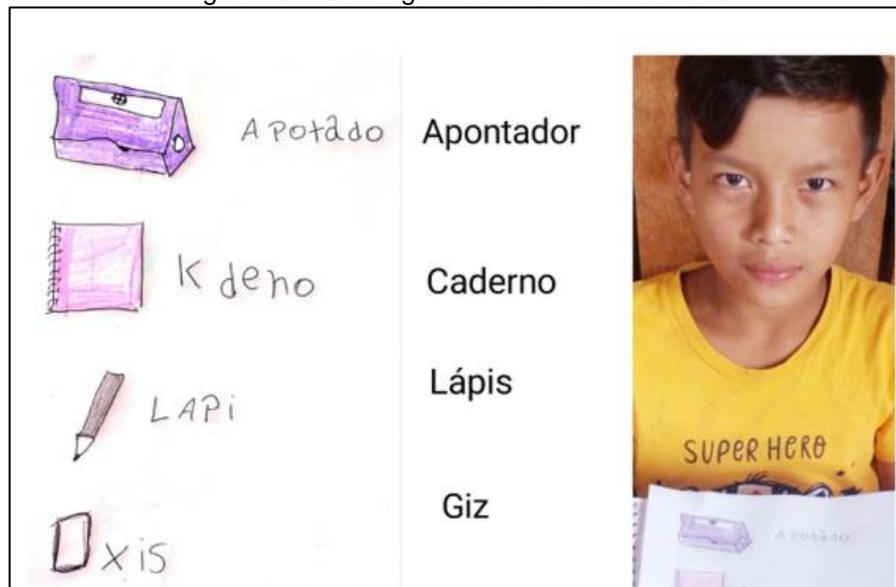
Figura 18 – Sondagem do Dílson Gavião 2023



Fonte: Dados da pesquisa.

Como já mencionei, novamente neste ano, convidei Dílson Ihvkar Pohj Gavião, agora com 9 anos, estudante no 3º ano na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Mahvguehij, localizada na Aldeia Castanheira Terra Indígena Igarapé Lourdes, no município de Ji-Paraná, estado de Rondônia para a realização de uma 2ª atividade de sondagem, que ocorreu no dia 18 de março de 2023.

Figura 19 – Sondagem do Dílson Gavião 2023



Fonte: Dados da pesquisa.

Dílson já tem experiência da escola. Eu expliquei para ele o que fazer para ajudar no meu trabalho de Universidade. Ele aceitou e na sequência de atividades, desenhou e depois escreveu do seu jeito o nome dos materiais escolares ditados em língua portuguesa na seguinte ordem: apotado/apontador, kdeno/caderno, lapi/lápis e xis/giz. Eu percebi que essa criança escreve na Hipótes Alfabética, porque já é possível ler o que escreveu e, “É marcada pelas produções encantadoras que evidenciam a riqueza de descrições e detalhes das narrativas de um sujeito que já compreendeu muito sobre o significado social da escrita [...]” (Neves, 2009, p. 241).

Observamos que ao escrever apontador, foram omitidas as letras “n” e “r”; na escrita da palavra caderno, usou a letra “k” para representar a sílaba “ca” e faltou o r; quanto à grafia de lápis, houve problemas na acentuação e na inclusão da letra “s” e em giz, usou o “x” e o “s”. No entanto, é importante a docência em alfabetização compreender que quanto mais a criança fizer uso do conhecimento escrito, mais estes problemas serão resolvidos, ou seja, “[...] o exercício desta prática social vai assegurar cada vez mais progressivos níveis de elaboração exigidos pela convenção por meio do acúmulo do conhecimento ortográfico”. (Neves, 2009, p. 241).

Portanto, o tópico: “Reflexões sobre a sondagem na alfabetização na aldeia indígena”, discuti a realização da sondagem que ocorreu por meio da participação de 4 crianças Gavião Ikolen, residentes em aldeias da Terra Indígena Igarapé

Lourdes, em Ji-Paraná, estado de Rondônia. Indica diferentes níveis de aprendizagem a respeito do conhecimento da língua escrita, seja no Tupi Mondé ou em português.

A esse respeito, os conhecimentos da Chanaia sobre a escrita demonstram aproximações com a hipótese de escrita pré-silábica. Já Mizael evidencia saberes próprios da hipótese de escrita silábica sem valor sonoro; o Dílson também escreveu a partir desta lógica em 2021. Quanto à Elida, ela produziu texto na hipótese silábica com valor sonoro e o Dílson em 2023 produziu uma escrita dentro da hipótese alfabética.

Como futuro professor alfabetizador, aprendi muito com essa experiência de realização de sondagem, pois: “[...]. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições [...]. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. (FREIRE, 1996, p. 71).

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa é um estudo referente à Alfabetização Intercultural em contextos indígenas. Teve o objetivo de analisar escritas infantis de crianças indígenas Gavião que estão em processo inicial de aprendizagem da leitura e da escrita por meio da sondagem. É uma atividade importante para conhecer o que as crianças já sabem sobre ler e escrever, por meio de um ditado de uma lista de palavras relacionadas ao seu contexto. Quando fiz a primeira sondagem em 2021, a experiência foi tão interessante que decidi que iria aprofundar este trabalho como estudo final de curso.

A pesquisa que realizamos é considerada qualitativa, porque foi feita no local onde estão os sujeitos participantes do estudo, neste caso as crianças na Terra Indígena Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná, estado de Rondônia. Utilizamos também a pesquisa (auto)biográfica com a inclusão de relatos dos sabedores (as) Chambete Babekuv Puhv Gavião, Alberto Padag Gavião Cleuza Eja Gavião, bem como, a pesquisa documental e a entrevista com crianças que estão no processo de alfabetização através da sondagem.

Os resultados apontaram que as crianças indígenas agem como sujeitos cognoscentes, que possuem conhecimentos sobre a língua escrita mesmo antes de terem experiência escolar mais aprofundada de acordo com os estudos construtivistas em alfabetização. Além disso, percebemos que este processo tem relação direta com

as aprendizagens construídas no dia a dia da aldeia através da educação ancestral. Esperamos que este estudo possa ajudar os mais jovens e as futuras gerações de professores e professoras a conhecerem melhor a sondagem na alfabetização Gavião.

Concluimos que a psicogênese da leitura e da escrita explica os conhecimentos iniciais infantis sobre o ler e o escrever em contextos indígenas, inclusive na língua materna. Esta situação exige uma formação docente consistente sobre a temática para que possa entender a teoria e sua relação com os saberes das crianças com vistas ao avanço da compreensão do sistema de escrita, temática de grande interesse para os povos originários na atualidade.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

ANTUNES, Karoline Oliveira. **A alfabetização de crianças indígenas Zoró na cidade de Ji-Paraná-RO: o caso da escola Tamali syn**, Anexo - I da Associação Povo Indígena Zoró (APIZ)..66f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília. MEC/SEF, 1998.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília. **Passado e Presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo, Cortez, 2002.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2007.

FONSECA, Mary Gonçalves. **Currículo e construção da identidade Karipuna na Aldeia Manga, Amapá**. Tese (Doutorado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAVIÃO KAPIAAR, ZACARIAS. **Bekãh Ká: saberes e práticas indígenas na Escola Ikolen.** Ji-Paraná, RO. 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Escolar) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, RO, 2018.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

LEONEL, Mauro. Colonos contra amazônidas no POLONOROESTE: uma advertência às políticas públicas. In: IAMÁ. Instituto de Antropologia e Meio Ambiente. **Arquivos Contemporâneos.** V. 2, Fascículo 1, dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.uspleste.usp.br>. Acesso 20/03/2009.

MANSANI, Mara. 5 princípios para a hora de pensar numa sondagem na alfabetização. In: Nova Escola 08 de agosto de 2016. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/chQvG52Bqn383sn72PK6qRb7SGsg7RvJ8sUv2BYs9SYfu8xvVmuwUGYfyk5Q/5-principios-para-a-hora-de-pensar-numa-sondagem-na-alfabetizacao.pdf> Acesso em: 20 fev. 2023.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização.** São Paulo: Edições Loyola, 1979.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

NEVES, Josélia Gomes. A Psicogênese na Aldeia: refletindo o processo de alfabetização com professores e professoras indígenas. **Revista P@rtes,** São Paulo, out., 2005.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas.** Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara – SP, 2009.

NEVES, Josélia Gomes. **Alfabetização Intercultural Indígena na pauta dos Direitos Humanos** – prerrogativa das populações originárias às culturas do escrito. In: Portal SER-DH. Disponível em: <https://serdh.mg.gov.br/repositorios/artigos/alfabetizacao-intercultural-indigena-na-pauta-dos-direitos-humanos-prerrogativa-das-populacoes-origi> Acesso: 20 nov. 2023.

NEVES, Josélia Gomes; MELO, José Carlos de. Alfabetização & História: o uso da cartilha salesiana entre os povos indígenas do Rio Uaupés/Rio Negro – Amazonas. **Revista Brasileira de Alfabetização,** n. 21, p. 1-16, 4 dez. 2023.

NUNES, Franciele de Oliveira. **Alfabetização Intercultural: o ler o e escrever na perspectiva docente indígena Amondawa.** Orientadora: Josélia Gomes Neves. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2018.

SANTOS, Vanubia Sampaio dos. O processo de ocupação de Rondônia e o impacto sobre as culturas indígenas. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, 2015.

SANTOS, Vanúbia Sampaio dos. **Alfabetização Intercultural na escola indígena Zoró Pangyjêj**. 344f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá - PR, 2020.

SURUI, Naraykopega. **Alfabetização Intercultural Paiter Suruí**: historiografando trajetórias do tempo ágrafo à cultura escrita. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Licenciatura em Educação Básica Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2015.

GAVIÃO, Alberto Júnior Ihv Kuhj. **Pamakóbáe** - Pesquisa e prática pedagógica sobre Alfabetização Intercultural na perspectiva Ikolen Gavião. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Licenciatura em Educação Básica Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2021.

SURUÍ, Luiz Weymilawa. “Paiter e sade apuhg itxa ani e ewe same” **Infância Paiter**: processos próprios de cuidar e educar crianças indígenas Suruí na Amazônia. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho-RO, 2018.

SURUÍ, Carolina Patihweiway. **Alfabetização Intercultural**: o ler e o escrever das crianças indígenas Paiter Suruí na Aldeia Lobó. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Licenciatura em Educação Básica Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2023a.

SURUÍ, Merekubar. **Alfabetização Intercultural no Instagram** – diário online de um professor indígena Paiter Surui. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Licenciatura em Educação Básica Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2023b.

VICHESSI, Beatriz. Escrita silábica com valor sonoro: o que observar para ajudar a turma avançar. In: **REVISTA NOVA ESCOLA**, julho de 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18051/escrita-silabica-com-valorsonoro-o-que-observar-para-ajudar-a-turma-avancar> Acesso em: 13 mar. 2023.

## Entrevistas

Entrevista com **Cleusa Eja Gavião** coletada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em abril de 2023 na Aldeia Tucumã, Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná, Rondônia.

Entrevista com Chambete **Gavião** realizada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em março de 2023 na Aldeia Ikolen, Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná, Rondônia.

Entrevista com **Alberto Padag Gavião** realizada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em maio de 2023 por meio do aplicativo WhatsApp em Ji-Paraná, Rondônia.

Entrevista com **Chanaia Gavião** (sondagem de alfabetização) realizada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em agosto de 2022 na Aldeia Esperança, Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná, Rondônia.

Entrevista com **Mizael Gavião** (sondagem de alfabetização) realizada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em agosto de 2022 na Aldeia Esperança, Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná, Rondônia.

Entrevista com **Dílson Ihvkar Pohj Gavião** (sondagem de alfabetização) realizada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em junho de 2021 na Aldeia Tucumã, Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná, Rondônia.

Entrevista com **Dílson Ihvkar Pohj Gavião** (sondagem de alfabetização) realizada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em março de 2023 na Aldeia Castanheira, Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná, Rondônia.

Entrevista com **Elida Pevanehv Gavião** (sondagem de alfabetização) realizada por Marcelo Barpeh Pohj Zoró em março de 2023 na Aldeia Tucumã, Terra Indígena Igarapé Lourdes em Ji-Paraná, Rondônia.